

VIVA VOZ!



Leo Cunha

SINOPSE

Viva voz! é uma coletânea de poemas lúdicos e divertidos que exploram o imaginário infantil e que jogam com a sonoridade e o sentido das palavras de forma muito criativa. Autor de vários livros para crianças e jovens, Leo Cunha oferece aos leitores uma poesia de alta qualidade, simples e melódica, na linhagem de José Paulo Paes, Cecília Meireles e Mario Quintana.

PALAVRAS DO AUTOR

Já escrevi muitos livros de poesia para crianças: *Lápis encantado*, *Clave de lua*, *Profissonhos*, *Poemas lambuzados* e outros tantos. Mas confesso uma coisa: mais que escrever, eu adoro ler livros de poesia para crianças. Mario Quintana, Cecília Meireles, Sérgio Capparelli, Elias José e tantos outros. Uma das coisas que eu mais gosto nesses poetas é a sonoridade, a musicalidade dos versos, as rimas e os jogos de palavras. Neste livro, reuni poemas que brincam com os sons e com a língua. Tomara que as crianças curtam meus versos e leiam tudo em voz alta, em viva voz!

FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Flávio Fargas
Formato: 20 x 20 cm
Número de páginas: 24
Coleção: *De fio a pavio*
ISBN: 978-85-7472-848-3
Indicação: A partir de 9 anos

Selecionado para o catálogo brasileiro apresentado na Feira do Livro Infantil de Bolonha 2009, na Itália.

VIVA VOZ!



Leo Cunha

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

VIVA VOZ!



Leo Cunha

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

VIVA VOZ!



Leo Cunha

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

VIVA VOZ!



Leo Cunha

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

VIVA VOZ!



Leo Cunha

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

VIVA VOZ!



Leo Cunha

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

VIVA VOZ!



Leo Cunha

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Apresente o título da obra e explore o significado da expressão “Viva voz”. É possível associar a ilustração da capa e o título? Peça aos alunos que folheiem o livro para perceberem que encontrarão uma série de poemas. Que relação pode haver entre a voz e esse gênero de texto? É possível brincar com a inversão da expressão: “voz viva”. Como os alunos interpretam a ideia de uma voz ganhando vida?
2. Comente com os leitores que os poetas “brincam” com as palavras e seus significados. Leia com eles o texto de apresentação do autor e abra um espaço de discussão sobre o que significa “brincar” com a linguagem.

DURANTE A LEITURA

1. Leia com a turma o poema que abre o livro e resgate a relação explorada na preparação para a leitura: como é ler o livro “em viva voz”? Relembre o que é um poema, a questão das rimas, do ritmo, da sonoridade. Chame a atenção para a disposição do texto em versos, para os sinais de pontuação, que assinalam pausas, hesitações, dúvidas, exclamações, etc., orientando os leitores quanto à correta entonação que se deve dar ao texto. Incentive-os a refletir sobre a ideia de que a poesia não é feita só para ficar presa no silêncio do papel, presa na escrita, para ser lida silenciosamente, mas também deve ser lida em voz alta, em “viva voz”.
2. Ao brincar com as palavras e seus significados, os poetas também acabam “pintando o sete” com a sonoridade. Para que os alunos percebam melhor esse recurso, peça que algum voluntário leia em voz alta o poema “Língua”. Pergunte se sentiu “dar um nó” na língua. Faça questionamentos sobre os motivos que podem levar a língua a “dar esse nó”. É possível dizer que este poema parece um trava-línguas? Por que a língua da menina está toda enrolada? O objetivo é que os leitores percebam que a repetição de algumas letras em algumas palavras do texto exige uma leitura mais lenta e com mais atenção, para não “pular” nada nem se atrapalhar. Façam quantas leituras forem necessárias, até que se chegue a um ritmo satisfatório para o grupo. Enfatize, com esse exemplo, o fato de o poeta poder “brincar” com os significados das palavras e que podemos encontrar essas “brincadeiras” em vários outros poemas.
3. Trabalhe com o uso e a repetição das palavras e de sons na criação literária. Explore o texto “Bagunça” (p. 23): que som é recorrente? Que palavra se repete? Que efeito isso promove no texto? A escolha das palavras e a maneira como elas estão combinadas no poema remetem a uma bagunça? Questione os alunos a respeito, motivando-os a expressarem suas opiniões livremente.
4. Leiam juntos os poemas “Língua” e “Dominó” (p. 7 e 19, respectivamente). Em duplas, os leitores poderão comparar os dois textos. Pergunte se há algum par que queira falar algo sobre a palavra “nó”, que aparece em ambos os textos. Depois dos comentários dos leitores, faça também os seus, não se esquecendo de dizer que esse termo pode ter mais de um sentido.

VIVA VOZ!



Leo Cunha

Pergunte a eles se conhecem um nó de escoteiro, ou um nó de marinheiro, por exemplo (que são difíceis de desfazer). Estimule a reflexão sobre outros sentidos que podem ser atribuídos à palavra “nó”.

5. Converse com os alunos sobre a “fonte” da poesia. Em que lugares ela busca seus temas? Nas situações do dia a dia, nos sentimentos, nas curiosidades, enfim, deixe-os descobrir possibilidades de temáticas para a produção poética. Peça que releiam os títulos dos textos de *Viva voz!* e que, a partir daí, discutam os assuntos que se transformaram em poemas pelas mãos do escritor Leo Cunha. Leve-os a perceber que a poesia pode estar em qualquer lugar, em qualquer objeto, sentimento ou situação: tudo depende do olhar do poeta e de como ele trabalha com a linguagem para criar efeitos poéticos com os elementos mais prosaicos: um curativo ou uma velha máquina de escrever, por exemplo. Comente que a poesia não necessariamente trabalha só com sentimentos e emoções; muitas outras questões podem ser exploradas.

DEPOIS DA LEITURA

1. Pergunte se os alunos lembram de algum poema conhecido ou de um livro de poemas. Uma sugestão é retirar da biblioteca da escola e trazer para a sala alguns livros desse gênero. Depois, sugira que eles selecionem alguns textos para realização de um sarau, no qual as crianças lerão poemas diversos em “viva voz”.

2. De maneira simples e objetiva, explique o que é um ditado popular: uma frase curta, transmitida há muito tempo e que, na maioria das vezes, resume um ensinamento. Alguns exemplos: “Cada macaco no seu galho”, “Quem avisa amigo é”, “Quem ri por último ri melhor”, etc. Proponha uma busca de ditados populares – os leitores podem conversar com seus familiares e anotar o resultado da pesquisa. Depois, sugira que tentem “brincar” com esses ditados, como Leo Cunha fez em “gosto não se discute” (p. 14).

3. Para aprofundar a atividade com a repetição de sons, experimente ler com os alunos os poemas “O menino dos ff e rr” e “A língua do nhem”, ambos do livro *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles. Sobre o primeiro poema, questione: Orfeu Orofilo Ferreira tem quantos “efes”? E quantos “erres”? Comente que a palavra “erres”, no fim do poema, não significa a quantidade de letra “r” – no verso do poema, ela é um verbo.

Após a leitura de “A língua do nhem”, abra um debate sobre a seguinte questão: se quiséssemos colocar outro significado nos resmungos da velhinha, em vez de nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem, o que poderíamos escrever? Incentive as crianças a imaginar livremente outros sons. Comparando esse poema com “Dominó”, pergunte aos leitores se a velhinha domina a língua que fala e se ela tem algum “nó” que precisa desfazer.

4. Leia, com os alunos, o poema “Gavetas”, do livro *Manual da delicadeza*, de Roseana Murray, e, em seguida, o poema “As palavras”, da obra *Viva voz!* Depois, trabalhe os cinco sentidos, fazendo questionamentos como: será que as palavras não têm cor? Elas podem ter cheiro? E gosto? E textura, elas têm? O objetivo dessa atividade não é chegar a respostas corretas, mas promover uma discussão lúdica sobre a percepção que os leitores têm do mundo das palavras.

VIVA VOZ!



Leo Cunha

Ainda abordando o poema “Gavetas”, faça um trabalho de comparação com o poema “Viva voz!”. Primeiro, leiam os dois em voz alta. Depois, trabalhem a ideia de “sopro”, que aparece em ambos, e também a de as palavras estarem prontas para o ouvido e a boca – como se fossem feitas mesmo para ser lidas em “viva voz”. Por fim, pergunte aos leitores o que a “gaveta” representa nos dois textos. Tente fazer com que cheguem a algumas conclusões, como: a timidez pode ser deitada na “gaveta” e as palavras podem ser libertadas de lá.

5. Pergunte aos leitores se conhecem muitas histórias em que o lobo aparece como personagem. Poderão surgir exemplos como *Chapeuzinho Vermelho* e *Os três porquinhos*. Conversem sobre as atitudes desses lobos nas histórias – talvez apareça mais de uma versão em cada uma. Depois, por meio de questionamentos, discutam por que a figura do lobo, muitas vezes, amedronta, em vez de atrair simpatia. Leiam o poema “Lobo” (p. 10), do livro *Viva voz!* Pergunte onde ele está, incentivando também a leitura da imagem que ilustra o texto. Para aprofundar a atividade, é interessante ler o livro *A verdadeira história dos três porquinhos!*, de Jon Scieszka. Depois, é possível abrir uma discussão: o lobo dessa história poderia ser o mesmo do poema?

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes, Gilmara Falk Ferreira Brunetto, Lindsey Rocha, Lorena Ostrovski e Luciana Princival Ivankio